

Panorama

Editor: Igor Natusch
igor@jornalcomercio.com.br

ARTES VISUAIS

No contraponto da solidão

Amanda Flora

amandaf@jcrs.com.br

A violência de gênero segue como uma realidade brutal no Brasil, com números que ajudam a dimensionar a urgência do debate. Segundo o Conselho Nacional de Justiça (CNJ), o País registrou 947 novos casos de feminicídio em janeiro de 2026. O número é 3,49% superior ao registrado em janeiro do ano passado. A maioria das mulheres vítimas é negra. Mais do que estatísticas, esses dados revelam uma estrutura de violência atravessada pela desigualdade de gênero. Foi nesse cenário que a artista carioca Panmela Castro elaborou a exposição *A crônica da não-solidão*, em cartaz na Fundação Iberê Camargo (av. Padre Cacique, 2000) até o dia 6 de setembro. A mostra reúne mais de 50 obras e propõe uma travessia sensível entre isolamento e pertencimento, tendo como eixo central a experiência da solidão, tópico especialmente vivenciado por mulheres negras, e suas possíveis rupturas. A visitação fica aberta de quinta a domingo, das 14h às 18h. Às quintas-feiras, a entrada é gratuita.

Reconhecida internacionalmente por articular arte e ativismo, Panmela constrói sua trajetória tensionando questões sociais e afetivas. “A ideia de *A crônica da não-solidão* surge de uma investigação recorrente no meu trabalho: a tentativa de compreender como os vínculos afetivos são construídos em contextos de exclusão social”, afirma. “Ao longo dos anos, minha produção tem abordado a solidão como uma experiência política, especialmente no que diz respeito às mulheres negras, frequentemente colocadas à margem das estruturas de afeto, reconhecimento e pertencimento”, explica.

A solidão que atravessa a exposição não é apresentada como um estado individual, mas como consequência de processos históricos. No Brasil, autoras do feminismo negro, como Cida Bento, Conceição Evaristo e Isabela Alves, há décadas denunciam o modo como o racismo estrutura também o campo do afeto, relegando mulheres negras a lugares de invisibilidade, exclusão e do não-amor. Panmela incorpora essa reflexão à sua prática artística ao tratar o isolamento como

fenômeno social.

“Essa condição não se refere apenas a um sentimento individual, mas a um fenômeno estrutural, produzido por relações históricas de racismo e desigualdade que atravessam também o campo do afeto”, destaca. “Em muitas sociedades, mulheres negras são sistematicamente excluídas dos padrões hegemônicos de desejo, cuidado e reconhecimento, o que gera uma experiência recorrente de isolamento afetivo”, emenda a artista.

Ao mesmo tempo em que ocupa a Fundação Iberê Camargo com sua mostra, Panmela Castro propõe o deslocamento da solidão para a construção de encontros. Logo na primeira sala, o público é convidado a participar ativamente da exposição, depositando objetos pessoais que carreguem lembranças, fragmentos de histórias e vestígios de afetos, em uma espécie de “casulo”. Esses materiais serão posteriormente transformados em esculturas, num futuro trabalho da artista.

Segundo Panmela, esse espaço funcionará como escuta, como um lugar de não-solidão. Cada contribuição amplia a obra e reforça o princípio central da mostra, que é a arte como prática de relação e cuidado. O processo está diretamente ligado ao conceito de “deriva afetiva”, método que orienta o trabalho da artista. “Trata-se de caminhar pelo mundo aberta ao encontro, permitindo que relações inesperadas se formem a partir da convivência e da confiança. Muitas das minhas obras nascem exatamente desses encontros: pessoas que entram no ateliê, conversas que se prolongam, objetos que carregam memórias e acabam se transformando em matéria artística”, pontua Panmela, que figura a lista das 150 mulheres que “abalaram o mundo”, elaborada pela revista americana *Newsweek*.

A lógica do encontro também estrutura as obras apresentadas. Entre elas, uma pintura de grandes dimensões da série *Artistas no ateliê*, que revisita a célebre pintura *Solidão*, de Iberê Camargo. Nesse espaço ela estabelece um diálogo direto com a produção do artista que dá nome à Instituição e, de certa forma, com o passado.

Na última parte, intitulada

Sala das mulheres - encontro e legado, a exposição ganha contornos ainda mais políticos ao homenagear quatro figuras negras fundamentais na história do Rio Grande do Sul: Iara Deodoro, Maria Lídia Magliani, Nega Diaba e Nega Lu. A série de gravuras em água-forte resgata trajetórias marcadas por resistência e ruptura de barreiras. “Líderes em seus contextos, elas contribuíram de forma decisiva para a construção social, política e cultural de suas comunidades, rompendo barreiras e ampliando espaços de atuação feminista”, sinaliza a artista.

Durante sua passagem por Porto Alegre, Panmela Castro também realizou retratos de mulheres negras da cidade, reunidas por diferentes caminhos – redes sociais, indicações e encontros diretos. Ao levar essas presenças para dentro do museu, a artista tensiona a própria instituição como espaço historicamente excludente, e o transforma em território de convivência.

“Como artista, me coloco explicitamente como convidada estrangeira na cidade, operando a partir da escuta, da confiança e da responsabilidade ética no uso dessas narrativas”, afirma. Na abertura da exposição (no dia 14 de março) foi espantoso o número de pessoas presentes, figurando uma das vernissages mais concorridas da Fundação.

Fundadora da Rede Nami, organização voltada à promoção dos direitos das mulheres e ao combate à violência de gênero, Panmela integra uma geração de artistas que compreende a arte como ferramenta de transformação social. Suas ações já impactaram mais de 200 mil pessoas e ajudaram a reposicionar o debate sobre violência doméstica no País – e *A crônica da não-solidão* carrega a própria história da artista no combate à violência de gênero, que ela já sofreu. “A mostra apresenta uma crônica construída por encontros reais, nos quais a experiência coletiva se coloca como contraponto à ideia de isolamento”, resume.

Diante desse cenário, marcado por feminicídios e desigualdades raciais persistentes, a exposição reúne memórias, corpos e histórias de mulheres. Ali, Panmela Castro transforma o museu em um lugar de escuta e presença onde a não-solidão deixa de ser conceito e passa a ser prática.



JOSÉ KALIL/DIVULGAÇÃO/JC

Mostra de Panmela Castro está em cartaz na Fundação Iberê Camargo

ANDERSON ASTOR/DIVULGAÇÃO/JC



Exposição ocorre em meio a índices alarmantes de feminicídio no País

ANDERSON ASTOR/DIVULGAÇÃO/JC



A pintora Lídia Magliani está entre as mulheres negras homenageadas